



POSSE

Depois de passar a faixa presidencial ao sucessor, Fernando Henrique Cardoso marcará o fim de oito anos de poder com cerimônia simples na Base Aérea. "O momento é do Lula, já tive muita festa", explica

Discreta despedida

Denise Rothenburg
Da equipe do Correio

Fernando Henrique Cardoso sai da Presidência da República para os livros de História. Leva consigo um feito que nenhum outro político brasileiro conseguiu. Manter-se oito anos como chefe supremo do país eleito pelo voto direto. Na história da República, somente Getúlio Vargas governou mais tempo do que o sociólogo nascido no Rio de Janeiro. E o recorde de Getúlio perde fôlego por ter sido um ato ditatorial, imposto com o cancelamento das eleições de 1937 e a instituição do Estado Novo.

Fernando Henrique não precisou fechar o Congresso e nem colocar tanques nas ruas. Começou seu discurso de posse em janeiro de 1995 dizendo que "nada nem ninguém" nos faria abrir mão da democracia. Governou em parceria com o Legislativo, o que lhe rendeu há dois dias a Ordem do Congresso Nacional, uma das poucas comendas que ainda não havia recebido.

Os amigos do PSDB planejavam inclusive uma festa para ele na condição de ex-presidente. Mas Fernando Henrique preferiu uma cerimônia discreta na

Base Aérea, logo depois de passar a faixa para o sucessor, Luiz Inácio Lula da Silva. "O momento é do Lula. Eu já tive muita festa", disse o presidente aos amigos com quem conversou no Palácio do Planalto há dois dias.

Há oito anos, quando subiu pela primeira vez a rampa do Planalto, 20 mil pessoas foram aplaudido ao receber a faixa presidencial do antecessor Itamar Franco. Em seu discurso de posse, no Congresso Nacional, o primeiro como presidente, falou dos sombrios anos do regime militar, da dívida externa que "amarrrou a economia" e de uma inflação que agravou as mazelas sociais.

AÇÕES SOCIAIS

Fernando Henrique dizia com convicção há oito anos que governaria para todos. "Se for preciso acabar com privilégios de poucos para fazer justiça à imensa maioria dos brasileiros que ninguém duvide que eu estarei ao lado da maioria. Com serenidade, como é do meu feito, mas com firmeza. Buscando sempre os caminhos do diálogo e do convencimento, mas sem fugir à responsabilidade de decidir", afirmou. Referia-se basicamente à reforma da Previ-

dência que Lula pretende fazer agora, eliminando privilégios. Frisou o combate à corrupção.

Citou ainda as Forças Armadas, com promessas de modernização dos equipamentos. Falou da inserção do Brasil no exterior. E deu atenção especial às ações sociais. "É uma pobre ilusão achar que o consumo de quinquilharias nos fará modernos, se nossas crianças continuarem passando pela escola sem absorver o mínimo indispensável de conhecimento para viver no ritmo da modernidade", afirmou.

Como Lula, o presidente Fernando Henrique Cardoso também esperava contar com a ajuda da sociedade e participação de todos para acabar com a miséria e a fome. "Nós brasileiros somos um povo solidário. Vamos fazer desse sentimento a mola de um grande mutirão nacional, unindo o governo e a comunidade, para varrer do mapa do Brasil a fome e a miséria."

Ocorre que, nem tudo saiu como ele planejou. Em 1999, ao assumir o segundo mandato, o discurso foi o de que não era apenas um gerente de crises. Era alguém que iria vencer as crises. Passou pelas crises asiática, mexicana e, por último, a

Ronaldo de Oliveira 26.6.01



FERNANDO HENRIQUE PERMANECU POR DOIS MANDATOS CONSECUTIVOS ELEITO PELO VOTO DIRETO

argentina. "O país não quebrou, apesar das dificuldades", comenta o deputado Mussa Demes (PFL-PI), economista.

A promessa de acabar com a fome e a miséria, Fernando

Henrique deixou para Lula cumprir. Mas considera que nem tudo foi perdido. O atual governo reduziu a mortalidade infantil e praticamente universalizou a matrícula das crianças

no ensino fundamental. As ações renderam a Fernando Henrique o primeiro prêmio Mahbud ul Haq das Nações Unidas (ONU) pela "contribuição ao desenvolvimento humano".